

Dois folhetins. Suplício de uma mulher

Texto-Fonte:
Teatro, Machado de Assis,
Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

Publicada originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, 28/09 e 03/10/1865.

História deste drama

A propósito do *Suplício de uma mulher*, drama em 3 atos, que deve ser representado sábado no Ginásio, em benefício de Furtado Coelho, houve renhida discussão na imprensa francesa, sendo os escritos mais notáveis, — um prefácio de Emile de Girardin, e um folheto de Alexandre Dumas Filho.

Quase se pode dizer que o prefácio literário de Emile de Girardin fez o mesmo barulho que o prefácio político de Luiz Napoleão. *Arcades ambo*.

O prefácio pouco esclarece a questão de fato.

Diz Emile de Girardin que, tendo escrito um drama com o título *Suplício de uma mulher*, lera-o a alguns amigos no castelo de Val, e depois ao comitê do Teatro Francês. Aí foi o drama julgado perigoso, e, em consequência disso, consentiu o autor que outrem metesse a mão na obra.

Quem era, não no diz o redator da *Presse*, mas assevera, “que o colaborador, em vez de limitar-se a pequenas modificações, reformou de tal modo a peça, que chegou a apeá-la das alturas do ideal”.

Emile de Girardin conservou algumas modificações feitas pelo outro, que lhe pareceram felizes, mas tratou de manter o que constituía essencialmente a sua obra.

A peça lida e aceita a 14 de Dezembro de 1864, diz Emile de Girardin, é a minha. Mas como é, acrescenta ele, que o manuscrito, que eu não admiti, foi substituído ao manuscrito que eu tinha lido ao comitê?

Emile de Girardin não retirou então a peça — “por escrúpulo de não causar prejuízo pecuniário ao tradutor, que consagrara três semanas a traduzir a sua língua para outra, que tem a vantagem de ser concisa, mas que se parece com estilo de telegrama, quando não cai nas tiradas de melodrama”.

O redator da *Presse* nada mais diz acerca da questão de fato. Faz algumas apreciações literárias, compara os caracteres, julga a ação, analisa o desenlace, mas essas considerações, tanto as dele, como as de Dumas Filho, achamos

melhor suprimi-las, deixando ao público fluminense o trabalho de julgar por si mesmo o drama que deve ser representado sábado.

Vamos agora à contestação de Alexandre Dumas Filho.

Diz ele:

Agora que todos já têm falado a respeito dos mistérios do *Suplício de uma mulher*, inclusive o Sr. de Girardin, no prefácio que ele julgou dever e poder ligar ao volume do drama, peço licença para dizer também algumas palavras; somente, previno o leitor de que as minhas palavras serão a absoluta verdade. Para dar esclarecimentos que se tornam necessários, procurarei empregar a linguagem concisa e rápida, tão admirada na última peça do Teatro Francês, e que revelou a alguns, apesar do anônimo, o redator principal da *Presse*.

«No mês de Novembro do ano passado, recebi do Sr. de Girardin uma carta que conservo, porque os autógrafos do Sr. de Girardin são daqueles que se devem guardar. Eis o conteúdo da carta:

“Meu caro amigo, hei de ler quarta-feira, *en petit comité*, e depois de jantar, o *Suplício de uma mulher*, título que talvez tenha de ser mudado em *Suplício dos convivas*. Será tão audaz, isto é, tão meu amigo, para vir jantar e dizer-me a sua impressão? Se achar que a mulher deve ser enterrada na pasta, há de sê-lo, e na mesma noite. Seu de todo o coração — Emile de Girardin”.

O Sr. de Girardin viu-me nascer, como ele próprio diz no seu prefácio, e perdemo-nos de vista há vinte anos. Eu era dos seus amigos. Tinha orgulho em que um homem do seu merecimento quisesse tomar-me por juiz de uma obra sua, qualquer que ela fosse.

Fui ao convite, construindo, em caminho, uma peça imaginária com o título — *Suplício de uma mulher*, — que me parecia fazer *pendant* com a linda comédia de Madame Emile de Girardin — *Culpa do marido*.

«Os convivas-auditores eram os Srs. de la Guéronière, Nestor Roqueplan, Camille Doucet, Henri Didier (deputado), Dr. Cabarrus, Mesmer (vice-cônsul da Rússia), cavalheiro Nigra, Boitelle, que, tendo já ouvido a peça uma vez, saiu logo depois do jantar; a Sra. condessa Keller, a Sra. Mesmer, e a Sra. de Girardin.

Era o público em miniatura, formado de todos os elementos diversos que compõem o público dos teatros: pessoas da sociedade, críticos, homens de letras; havia meio de obter um juízo, e em todo o caso uma impressão. O Sr. Girardin leu o primeiro ato.

Não se disse palavra.

A idéia era das mais perigosas, para me servir da frase de um dos seus amigos, e a maneira por que ele a apresentava, tornava-a mais perigosa ainda. O ato estava mal feito, começando por onde devia acabar, e acabando mal. Entretanto, havia uma base para o

drama, tomada no interior da vida conjugal. Era audacioso, verdadeiro, e inadmissível.

.....
.....

O Sr. de Girardin leu o segundo ato.

.....
.....

«Depois desta cena (a cena da carta), o dó de peito da idéia, o centro da peça, o Sr. de Girardin interrompeu-se e disse-me:

— Então?

— Estou à espera, respondi eu.

Com efeito, era aí que eu queria vê-lo, nas conseqüências e deduções lógicas desta situação nova, que eu proclamo, com toda a sinceridade, uma das mais dramáticas e das mais interessantes que há em teatro.

Mas uma situação não é uma idéia. Uma idéia tem começo, meio e fim, exposição, desenvolvimento e conclusão. Toda a gente pode achar uma situação dramática, mas é preciso prepará-la, fazê-la aceitar, torná-la possível, dar-lhe sobretudo um desenlace. Um rapaz pede uma moça em casamento. Dão-lha. Casam-se. No momento de retirar-se, dizem-lhe que ela é sua irmã. Aí está uma situação, e das mais interessantes. Mas saiam dela, arranjem um desfecho. Aquele que fizer uma boa peça com este ponto de partida será o verdadeiro autor da peça, e eu nada reclamarei.

.....
.....

O Sr. de Girardin leu o terceiro ato, não aquelle que cita no seu prefácio, mas o que vai no fim desta minha resposta. Verão o que era ele. Não censuro o Sr. de Girardin. Não é seu ofício escrever comédias. Já é muito ter criado uma situação dramática no meio do seu trabalho de teorias econômicas, políticas e governamentais.

A leitura durou duas horas e meia, pouco mais ou menos. Acabada ela, o autor recolheu as opiniões. Eu deixei falar os outros, e não disse palavra. Esperava que entre todos aqueles juízes algum houvesse assaz corajoso, ou antes, assaz franco, que resumisse a impressão geral e fizesse compreender a um homem do seu valor — que o talento, o próprio gênio, não é universal. Foi o que aconteceu, falou-se franco e a peça foi declarada perigosa, irrepresentável, impossível, epítetos estes que saíram da boca de todos, misturadas com aquele açúcar fino que a gente bem educada traz sempre nas algibeiras.

Então o Sr. de Girardin interpelou-me diretamente, e disse-me: Conto com o senhor para acharmos um desfecho.

Era opinião geral que a peça não tinha conclusão.

— Meu caro amigo, respondi, se eu achasse um desfecho para a situação não lha daria, como o senhor não me daria, a solução da questão romana, se a achasse.

.....
.....

Procure o senhor, que eu procurarei também. há na sua peça uma cena que se não deve perder...

No dia seguinte começava eu a entrever a peça. Fui cedinho à casa do Sr. Girardin, e disse-lhe pouco mais ou menos isto:

— há decididamente alguma coisa no *Suplício de uma mulher*: o assunto é audacioso mas é humano, tem probabilidades de sucesso. O público adora a verdade, mas é preciso sabê-la dizer.

— Então pode-se fazer um drama?

— Pode-se.

— Encarrega-se disso?

— Decerto, sem saber ainda até onde irei.

— Pois tente. Vou mandar-lhe o manuscrito; ponha à margem as suas observações.

No dia seguinte recebi a peça, cujo desfecho já o Sr. de Girardin modificara segundo o meu primeiro conselho.

Tentei fazer alguns cortes a lápis, e acrescentar varias notas. Inútil. A obra era demasiado confusa, compacta, densa. Como em Herculano, era impossível achar a cidade debaixo da lava. Melhor era construir outra ao pé daquela.

No dia seguinte, levei e li ao Sr. de Girardin o começo do primeiro ato, tal como foi representado, até à cena entre Alvarez e Matilde exclusivamente. A sra. de Girardin assistira à leitura.

Aquele trabalho era apenas um conselho dado a um amigo, por cuja obra me interessava: era a indicação do tom geral, não era ainda colaboração. Parei diante da última página. O Sr. de Girardin, que achava então um bom começo, pediu-me que continuasse o trabalho, oferecendo-me metade dos direitos da obra. Objetei-lhe que, — em consequência dos meus contratos com o Ginásio, eu só podia pôr meu nome se a peça fosse representada neste teatro, — e que, — não tendo colaborado nunca, só o faria no caso de ter carta branca para a execução da obra. O Sr. de Girardin respondeu-me que, estando a peça prometida ao Teatro Francês, só apareceria o nome dele, e quanto ao trabalho dava-me carta branca, acrescentando esta frase muito natural na boca de um homem que não tinha, nem o hábito do teatro, nem a pretensão de ser autor dramático: — Fiz três vezes e mal esta peça; faça-a uma vez e boa.

Deitei mãos à obra, e confesso que pus de parte a versão do Sr. de Girardin, a quem preveni disso. Tornei meu o assunto. Supus que a idéia fosse minha, maneira única de identificar-me com um assunto alheio, e não três semanas, mas oito dias depois desta convenção, comuniquei-lhe o manuscrito, do qual já ele conhecia alguns fragmentos.

A pouco e pouco tinha-me eu exaltado como se se tratasse de mim. Desde que entrevi o desfecho possível, compreendi logo em que forma devia ser tratado o assunto. Lembrava-me ainda a lição que recebi com o *Amigo das mulheres*, peça em que me censuravam excessivos desenvolvimentos fisiológicos; eu dizia comigo que decididamente o teatro vive de interesse, de fatos, de ação, de movimento e de progressão. Fazendo as minhas reservas acerca do valor intrínseco da minha última comédia (vaidade! nunca nos abandonas!) fiz a mim mesmo a promessa de aproveitar a experiência, porque eu não sou teimoso, e tenho a opinião daquele que dizia de Voltaire: *Il y a quelqu'un qui a plus d'esprit que Voltaire, c'est tout le monde.*

Francamente, (eu apelo para o público que me dá razão há quinze dias, sem conhecer os pormenores que lhe estou expondo hoje), podia apresentar-se melhor ocasião para fazer um novo tentâmen? Havia assunto que pedisse mais concisão, mais rapidez, mais destreza? Devia-se proceder por outro modo que não fosse o movimento, o fato e as lágrima?

.....
.....

Li a peça ao Sr. Girardin.

Não é mais a minha peça, disse o Sr. de Girardin, quando acabei de ler.

Não sei o que é, respondi, mas acho que deve ser assim. Leia atentamente o manuscrito, faça observações à margem, mande-mo e nós refundiremos um com outro, se for preciso; mas eu creio que a obra deve ficar assim.

Recebi o manuscrito, com duas ou três linhas, a que atendi, e algumas mudanças insignificantes, como a palavra — *valet de chambre* por *domestique*.

Tornei a levar a peça.

.....
.....

O Sr. de Girardin mandou a peça ao diretor do Teatro Francês, o Sr. Eduardo Thierry, escrevendo-lhe a seguinte a carta que ficou nos arquivos do teatro:

“Meu caro diretor, eis o novo manuscrito. Dumas está certo do sucesso. Leia e diga-me se é da mesma opinião”.

O Sr. Eduardo Thierry respondeu:

“Desta vez temos peça e sucesso”.

Passava-se isto a 2 ou 3 de dezembro.

O Sr. de Girardin pediu leitura. Marcou-se o dia 14: mas, de 3 a 14, o Sr. de Girardin, que não estava convencido de que a última versão fosse a melhor, fez entrar nela tudo que pôde tirar ao texto primitivo, reformou, mudou o desfecho, e para concluir, leu ao comitê um drama metade meu metade dele, sem comunicar-me coisa alguma, como talvez devesse fazer, sendo eu colaborador e amigo.

O drama foi aceito por um voto de maioria.

Soube então o que se passara. O Sr. Girardin não me falou das suas correções. Nada lhe disse. Afinal de contas, era ele quem devia assinar a peça: a idéia era dele, e dele era a responsabilidade.

.....
.....

«O Teatro Frances dispoz-se a ensaiar a peça. O Sr. Eduardo Thierry, que não tinha achado na peça lida ao comitê a última peça lida por ele, pediu-me que assistisse a uma nova leitura com o Sr. de Girardin, Regnier e ele, leitura com que se estabeleceria definitivamente o texto, depois de confrontar os manuscritos. Levei copia do meu. O Sr. Ed. Thierry lia em voz alta a copia, do teatro, e Regnier acompanhava a leitura com a minha; eu e o Sr. de Girardin ouviamos. Foi então que conheci as emendas. Não fiquei ofendido, fiquei espantado.

.....
.....

De tempos a tempos, após as observações justas do Sr. Thierry ou de Regnier, dava eu a minha opinião ao ponto de vista geral do teatro, sem querer impor a minha fórmula, O Sr. de Girardin incomodava-se com a discussão. Como tínhamos em vista o interesse dele, como queríamos lealmente que ele não sofresse uma derrota, em terreno que lhe era desconhecido, tentávamos convencê-lo por todos os argumentos possíveis e nos termos mais delicados, incapazes de ferir um grande amor próprio legitimado por um grande valor e uma grande situação. Eu cheguei até a dizer isto ao meu colaborador:

— Quando o Sr. leu a sua primeira peça, que foi declarada impossível, se eu lha houvesse pedido, era capaz de dar-ma?

— Decerto.

— Pois bem, se ma desse eu faria o que fiz. Agora não posso dizer mais: tomo a sua parte, pelo preço que quizer. Faço representar a peça, e garanto que há de agradar imensamente.

Este último argumento, e o modo com que Regater, na mesma ocasião, interpretou a cena da carta, tão admiravelmente representada depois, acabaram de convencer o Sr. de Girardin, que declarou ser inútil ler o terceiro ato, e que aceitava decididamente a minha versão.

.....
.....
Os ensaios, por consentimento do Sr. de Girardin, deviam ser dirigidos por mim.

.....
.....
O Sr. de Girardin assistiu sem mim a um dos primeiros ensaios. Ouviu todo o primeiro ato, mostrou-se satisfeito, e mandou-me dizer que assistisse aos ensaios o mais assiduamente possível.

Graças a um trabalho de quatro horas por dia, os ensaios foram depressa. A peça tomava corpo e alma. A ação desenvolvia-se rápida, comovente, implacável. Eu estava encantado pelo resultado, e ninguém pode dizer que tentasse, uma só vez, nem por palavra nem por atos, suplantar o meu colaborador.

Fui convidar o Sr. de Girardin para ir ouvir a peça
.....

Veio dois dias depois. Assentou-se na platéia, entre o sr. Thierry e eu, e a peça desenvolveu-se sem interrupção aos seus olhos. No fim, perguntou-lhe o Sr. Thierry qual era a opinião dele. Levantou-se então o Sr. de Girardin, e disse em alta voz, em pleno teatro, em face dos artistas espantados, que ouviam pela primeira vez semelhante linguagem:

— Se eu fosse o único dono da peça, retirá-la- ia; acho aquilo detestável!

— Meu caro, respondi eu, com o sangue frio de que a natureza me dotou, lamento isso, tanto mais quanto eu fiz o que podia para que a peça não fosse tão detestável como era dantes.

Depois do que, subi ao tablado, deixando o Sr. de Girardin partir sem dizer uma só palavra aos artistas confusos, molestados, e principalmente perturbados com aquela repreensão.

Declarei-lhes, e eles o entenderam assim, que a minha missão estava terminada. Retiveram-me ainda umas duas horas, pedindo as minhas últimas indicações, e eu indiquei tudo o que me parecia útil ao sucesso da peça, sucesso que ainda uma vez lhes predisse.

Voltei para casa, acreditando ainda, tão ingênuo era, que o Sr. de Girardin me mandaria no dia seguinte alguma palavra amigável.

Nada.

Assim, pois, o meu tempo, a minha experiência, que ele hoje reconhece, a melhor parte de mim mesmo, porque eu tinha consciência de ter escrito uma obra interessante, em uma forma nova, pensada, escolhida, forjada por mim, toda a minha pessoa enfim, posta lealmente, modestamente, filialmente, ao serviço do capricho literário de um amigo, não, como o meu adversário insinua, para ganhar alguns bilhetes de mil francos, que eu ganharia em maior quantidade com o meu nome do que com o seu, mas para impedir que um dos homens mais notáveis da época se entregasse, desarmado e ridículo, em país estrangeiro, aos golpes e gargalhadas dos numerosos inimigos que ele tem a fortuna de possuir, nada disso deteve nos lábios frios e desdenhosos do Sr. de Girardin a palavra detestável; palavra injusta, como está hoje demonstrado, e que ele não tinha direito de proferir depois da nossa última conferência, da nossa última leitura, e da sua última declaração.

.....
.....

Mas, se eu nada recebi do Sr. de Girardin, recebeu o Sr. Thierry uma carta em que ele declarava de antemão que recusava assinar uma peça que não era sua, que desnaturava a sua idéia e que ele achava má, acrescentando que assistira como simples curioso à primeira representação da nova obra-prima do autor do Demi-Monde.

Teve lugar o ensaio geral; assisti a ele, não como autor, mas como amigo, fiz elogios aos artistas, não fiz uma só observação. O Sr. de Girardin também assistiu ao ensaio.

.....
.....

«Não aceitei os bilhetes a que tinha direito para a primeira representação. O Sr. de Girardin tomou-os todos, mandando-me dizer que, se eu quisesse alguns, mandasse-lhos pedir.

.....
.....

«O Sr. de Girardin deu ou cedeu muitos bilhetes aos seus amigos, o que não se conciliava com o famoso: É detestável.

.....
.....

«Não assisti à primeira representação, cujo sucesso foi imenso.

Alguns dias depois soube, pelos jornais, que o Sr. de Girardin vendera ao Sr. Michel Levi; sem consultar-me nem prevenir-me, o manuscrito do *Suplício de uma mulher*, isto é, uma propriedade comum; e soube mais que, sem informar-me, fizera presente a Mlle. Favart do preço integral da venda. Não me mandaram provas da impressão, que só eu podia corrigir, pois só eu conhecia o texto.

Mandei intimar o Sr. Levi por via legal, proibindo-lhe a publicação de uma obra de que o Sr. de Girardin não podia dispor só.

O Sr. Levi respondeu à intimação, recusando,.....

.....
e depois veio fazer-me uma visita por dia, oferecendo-me, da parte do Sr. de Girardin, metade do preço da venda.

Devolvi ao Sr. de Girardin os seus, ou meus, dois mil e quinhentos francos, e esperei o prefácio, última prova dessa liberdade ilimitada que ele reivindica para si, não admitindo a mais elementar equidade para os outros.

Aqui entra Dumas na apreciação do prefácio de Emile de Girardin, e publica o primeiro manuscrito da peça, sobre o qual fez ele o drama que se representou no Teatro Francês.

Eis como termina a brochura de Dumas Filho:

... Não falseei os seus caracteres, senão que os aperfeiçoei, — para não dizer que os criei, — porquanto a primeira condição de um caráter, é a lógica, e as suas personagens desmentem-se a cada instante, como podem ver os que lerem a sua verdadeira peça. Enfim, quem escolhe uma idéia deve não perdê-la de vista um só momento, — deve fazer com que todas as personagens, todas as cenas, todas as palavras concorram para a expressão, dedução e demonstração dessa idéia, sob qualquer forma que se apresente, drama ou comédia. Lembre-se desta lei invariável do teatro, Sr. de Girardin, e não se afaste dela quando escrever as *Duas irmãs*. É o último conselho dramático que lhe dou, mas não é o pior...

.....
.....

Se eu escrevo como um telégrafo ou como um melodrama; se o público erra ou não, aplaudindo as minhas verdades fictícias; se o Sr. de Girardin continua a ver em mim um rapazola, porque me viu nascer; se eu sou um tradutor (aceito a palavra) porque a sua língua dramática prefere ser pateada a ser aplaudida, fantasia que pôde realizar facilmente quando não tiver colaborador; se ele deixou representar a peça para me não causar um prejuízo pecuniário, ou por não poder ser de outro modo; importa demonstrar a incontestabilidade dos fatos, e a franqueza e limpeza do meu procedimento.

Procurar a verdade, é a divisa do Sr. de Girardin.

Dizê-lo, é a minha.

Uma vale outra.

A simples comparação das alegações de Girardin com a narração de Dumas Filho, basta para conhecer de que lado está a verdade.

Aguardamos ocasião oportuna para mostrar as diferenças essenciais entre as duas peças, e apreciar ao mesmo tempo a peça representada e tão calorosamente aplaudida.

* * *

Crítica teatral

Suplício de uma mulher. — (Drama em 3 atos por Emile de Girardin e Dumas Filho).

Subiu finalmente à cena, no teatro Ginásio, o drama de Emile de Girardin e Dumas Filho, *Suplício de uma mulher*. Depois de percorrer quase todos os principais teatros da Europa, chegou ele às nossas terras, onde, a julgar pelos aplausos que já recebeu, parece que continuará a mesma carreira gloriosa, que até hoje tem percorrido. A que deve ele esta carreira gloriosa, e por que motivo revolve tão profundamente os espíritos? A resposta está na forma e na idéia do drama; é porque, sob uma forma interessante, rápida, precisa, agita ele, mais ousadamente que nenhum outro, uma terrível questão de costumes, concluindo por uma lição severa, tremenda, implacável. É um drama que tem a grande vantagem de não discutir, nem dissertar: todo ele é ação, desde que começa até que termina, ação enérgica e apaixonada, ação que arrasta, que comove, e que satisfaz a alma, graças a uma solução judiciosa, tirada das entranhas do assunto, para salvar a um tempo a dignidade humana e a santidade das leis Moraes.

Toda a gente ficou impressionada, diz um crítico parisiense, com a dedução lógica das cenas, com a audácia das situações, com o vigor do estudo. As frases são breves e precisas; cada palavra fulmina como uma cápsula inteligente. É uma espécie de artigo em três atos contra o adultério, corrigida as provas por um homem entendido em matéria de diálogo.

Tal é o drama que o público do Ginásio aplaude com fervor e entusiasmo. Abstenho-me de narrar o enredo, referindo-me apenas àquilo que tiver relação com as intenções morais da peça, e a este respeito direi em duas palavras o que ela me parece.

O *Suplício de uma mulher* trata da questão do adultério com os traços mais vigorosos e novos; os autores não recuaram diante de nenhuma dificuldade, nem mesmo diante do fruto do amor criminoso; e essa situação, se impressiona pela ousadia, corrige pela energia da verdade; no meio de todos os seus protestos de amor, o erro de Matilde não merece simpatia alguma, e quando no último ato, o marido assume a inflexibilidade de juiz, e lavra aquela sentença tão grandiosa e tão profunda, as simpatias do espectador ficam em casa com Dumont, ao passo que Matilde e Alvarez levam apenas a sua condenação. Ninguém se revolta contra a sentença de Dumont; chegando em frente do terrível problema, posto nos dois primeiros atos, o espectador anseia, palpita, interroga, em busca de uma solução difícil para ele, e desde que ela aparece na boca do marido ultrajado, há um movimento íntimo, de aplauso e de satisfação, por aquela vitória da lei moral e da pureza dos costumes.

Ora, se a conclusão nos satisfaz, e se a situação não nos seduz, onde está o escândalo da peça? Uma obra é moral — lembra-me ter lido em Mme. de Staël, — se a impressão que se recebe é favorável ao aperfeiçoamento da alma humana... A moralidade de uma obra consiste nos sentimentos que ela inspira. Ninguém dirá que os sentimentos que nos inspira o *Suplício de uma mulher*

sejam simpáticos à perversão dos costumes; e se as nossas lágrimas acompanham Dumont, é que estão do lado do dever.

De todos os caracteres da peça, o mais perfeito e o mais completo é Dumont, — confiante, dedicado, amante, nos dias da paz doméstica, nada perde da sua nobreza na hora do infortúnio conjugal. Quando Matilde lhe entrega a carta de Alvarez, o seu coração prorrompe a linguagem da sua indignação: é o primeiro castigo da culpada; mas depois, quando ele volta sobre si mesmo, e reflete na enormidade da situação em que se acha, a idéia que o domina é a de salvar a sua honra e o futuro da menina, que não pode ser solidária no crime de Matilde e de Alvarez. Daqui vem naturalmente a conclusão da peça, conclusão nova, e profundamente moral.

Alvarez é igualmente um caráter humano, até na paixão que o domina, e que, se não serve à consciência dos espectadores, serve à sua própria, e é aos olhos dele uma justificação. Os autores não pretendem impô-lo à simpatia do espectador, como um tipo do dever, nem este o aceita; ao contrário, quando Dumont lhe pergunta no 3º ato, — se ele está no caso de recusar alguma infâmia, — já o espectador tem feito a mesma pergunta; mas, no desvio de sua paixão criminosa, — e está nisso a lição do exemplo, — Alvarez julga a proposta de Dumont mais indigna que a sua traição.

De todos os caracteres, — Matilde é o que me parece mais fraco; se fosse o amor que a impelisse ao erro, conservava-se ela dentro das condições humanas; mas o erro por um motivo de gratidão pelo favor prestado ao marido, não me parece inteiramente filho da lógica moral dos sentimentos. Isto, porém, não impede que o remorso lhe lacere a alma; o belo monólogo do 2º ato é na realidade a expressão fiel das suas dores íntimas, com a diferença de que, no meio da ruína da sua vida, aquelas lamentações, se conseguem despertar a nossa piedade, não arrancam a nossa absolvição.

Pondo de parte o papel da menina Joana, que, como diz Alvarez, ainda não tem caráter determinado, resta-nos a Sra. Larcey, criação cômica de um feliz acabado, copiada do natural, e habilmente introduzida na peça.

Tais são as personagens do *Suplício de uma mulher*.

Cheio de cenas novas e lances originais, entre os quais a entrega da carta no segundo ato, que interessa ao último ponto por sua altura dramática, o *Suplício de uma mulher* está destinado a colher na cena brasileira os aplausos e as ovações de que tem sido objeto nos teatros da Europa.

É fácil predizer-se esta boa sorte ao *Suplício de uma mulher*. Não há muitos dramas que consigam, como este, prender tão poderosamente a atenção e revolver tão profundamente a alma. A aceitação por parte do público será também uma prova em favor da sociedade, que encontra nele a defesa dos deveres morais e da santidade do casamento.

Insisto neste ponto, porque é ele tão evidente e tão positivo no *Suplício de uma mulher*, que as apreciações contrárias não se podem sustentar. Que essas apreciações se produzam, contra a evidência dos fatos, não é isso uma desconolação para os autores. A história literária de todos os tempos encerra mais de um exemplo desta luta, de que saem vitoriosas as obras verdadeiramente duráveis.

Seja-me lícito citar um gênio, o grande Molière, que caminha, ao par de Shakespeare, na vanguarda dos poetas dramáticos, e citá-lo, na sua obra mais

perfeita, *Misanthropo*. Há nada mais eternamente belo, mais eternamente moral? E contudo não achou J. J. Rousseau, na celebre carta a d'Alembert, que Molière tinha ridicularizada a virtude? Mercier não escreveu também que todas as peças do grande poeta eram apologias do vício?

Nos nossos dias, quando o adorável talento de Madame Sand deu ao mundo literário essa longa série de livros que hão de desafiar os séculos e levar à mais remota posteridade o nome da sua prodigiosa criadora, de todos os lados da literatura surgiram críticas acerbas contra ela, e dizia-se desassombradamente, que essas obras eram libelos contra o casamento e a moral.

Que vimos então? Vimos o mais ilustre crítico da escola clássica, Gustave Planche, apreciar, com aquele alto critério que sempre o distinguiu, as obras tão incriminadas, mostrando aos olhos do mundo literário as grandes belezas da autora de *Indiana*, e servindo deste modo à verdadeira causa da arte.

Mesmo sem assistência de um juiz tão competente, o *Suplício de uma mulher* pode esperar igual fortuna. É esta a minha convicção, e para os meus amigos, é inútil declará-la; eles sabem que eu não me faria tradutor de uma obra de cuja deformidade moral e poética estivesse convencido.

Os indiferentes poderão julgar o contrário; e talvez os induza a isso uma frase que escapou ontem ao colega do *Jornal do Comércio* e, quando se refere à questão literária que houve em Paris, por ocasião da representação da peça. "Nem esse escândalo, diz o colega, se quis perder aqui, e antes da representação do drama a imprensa narrou largamente a história da origem". Os leitores do *Diário* sabem que, antes da representação do *Suplício de uma mulher* foi narrado o referido escândalo nestas colunas, em artigo assinado por mim.

Vou ajudar a perspicácia do *Jornal do Comércio*.

A narração do escândalo tinha dois motivos: o primeiro era explicar as razões pelas quais dei à peça os nomes dos dois autores, quando o original francês não os mencionava; o segundo era dar conhecimento aos leitores de um incidente curioso, e que tanto excitara a curiosidade pública da Europa. É a isto que o *Jornal do Comércio* chama exploração do escândalo?

Mas eu não posso reconhecer na frase do *Jornal do Comércio* mais do que uma irreflexão, mui pouco própria da idade madura, não devendo admitir que ele pudesse ter nenhuma intenção ofensiva contra mim; e se tal intenção existisse, é inútil dizer que a mencionada frase, perdendo aos meus olhos o seu diminutíssimo valor, só teria como resposta o silêncio do desdém.

